



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**GEOVANNA BISPO DE MAGALHÃES**

**AS REPRESENTAÇÕES DE JAIR BOLSONARO NAS PÁGINAS DE VEJA**  
**Um estudo sobre reportagens de capa publicadas entre 2019 e 2022**

**BRASÍLIA**

**2022**

GEOVANNA BISPO DE MAGALHÃES

**AS REPRESENTAÇÕES DE JAIR BOLSONARO NAS PÁGINAS DE VEJA**  
**Um estudo sobre reportagens de capa publicadas entre 2019 e 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como um dos requisitos  
parciais para a conclusão do curso de  
Jornalismo no CEUB – Centro Universitário  
de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Ferreira

**BRASÍLIA**

**2022**

**GEOVANNA BISPO DE MAGALHÃES**

**RA 21908113**

**AS REPRESENTAÇÕES DE JAIR BOLSONARO NAS PÁGINAS DE VEJA**

**Um estudo sobre reportagens de capa publicadas entre 2019 e 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como um dos requisitos  
parciais para a conclusão do curso de  
Jornalismo no CEUB – Centro Universitário  
de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Ferreira

**Brasília, 7 de dezembro de 2022.**

**Banca examinadora**

---

**Professor: Luiz Cláudio Ferreira**

**Orientador**

---

**Professor: Vivaldo de Sousa**

**Examinador**

---

**Professora: Katrine Boaventura**

**Examinadora**

[...] A sensação de estar informado é única e intransferível, mas se repete em todos. Sentir-se desinformado aumenta a angústia existencial, como se pairássemos num nada e estivéssemos perdendo algo precioso. Por outro lado, estar a par do que acontece é estar ligado a algo maior, é fazer parte de um todo, um grupo, uma comunidade, um país. Sentir-se informado é pertencer a uma época, comungar valores, ocupar um lugar.  
(Rogério Chistofolletti, 2019)

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar como as reportagens de capa da revista *Veja* caracterizaram o presidente da República Jair Bolsonaro no período de janeiro de 2019 a agosto de 2022, a fim de observar se as publicações o cobram a respeito de suas funções e quais personalidades as publicações emprestam ao eleito. Os materiais foram categorizados com as seguintes nomenclaturas: imprevisível ou desqualificado, controverso ou conspiracionista e autoritário. Para auxiliar a análise, a estratégia metodológica incluiu os estudos de Bardin (1977). Com isso, uma conclusão da pesquisa foi que a revista utilizou do gênero da “reportagem opinativa” para caracterizar Bolsonaro. No decorrer das reportagens, as categorias alternaram-se, principalmente, entre desqualificado, conspiracionista e autoritário. Ainda que os textos tenham o mérito de cobrança do mandatário de suas funções, eles são carregados prioritariamente de opinião e careceram de informações sobre os crimes do presidente.

**Palavras-chave:** jornalismo; jornalismo de revista; reportagem; jornalismo político; Jair Bolsonaro;

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1. JORNALISMO DE REVISTA</b>	<b>10</b>
<b>2. JORNALISMO POLÍTICO</b>	<b>13</b>
<b>3. GÊNEROS JORNALÍSTICOS</b>	<b>19</b>
<b>4. MÉTODO</b>	<b>23</b>
<b><u>5. ANÁLISE</u></b>	<b>28</b>
<b>5.1. Análise das reportagens publicadas em 2019</b>	<b>30</b>
<b>5.2. Análise das reportagens publicadas em 2020</b>	<b>36</b>
<b>5.3. Análise das reportagens publicadas em 2021</b>	<b>39</b>
<b>5.4. Análise das reportagens publicadas em 2022</b>	<b>42</b>
<b><u>5.5. Nova leitura dos dados colhidos</u></b>	<b>44</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>45</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

De 2019 a 2022, o Brasil teve à frente da presidência da República o militar da reserva Jair Messias Bolsonaro. Próximo a terminar seu primeiro mandato e após passar metade de sua vida na política, o paulista teve o mandato marcado pelas mesmas características subversivas e conflitantes de 1989, quando venceu sua primeira eleição e ingressou no parlamento carioca como vereador.

Com pautas que giram em torno do patriotismo e conservadorismo, Bolsonaro conseguiu se eleger em meio a uma onda de “extrema-direita” que atingiu não apenas o Brasil, mas toda a América Latina. Segundo Sampaio (2020), uma das explicações para a ascensão desse movimento é uma tentativa de resposta autoritária da burguesia ao avanço da luta de classes provocada pelo impacto da crise capitalista sobre a economia regional.

Para chegar ao poder, Bolsonaro se apresentou à população como a solução para as “ameaças socialistas” e o antipetismo, mas logo se mostrou como uma resposta rasa às perguntas feitas. A chegada inesperada de uma pandemia (de covid-19, em 2020) e o início de uma guerra do outro lado do mundo (entre Ucrânia e Rússia, em 2022) tornou o período ainda mais difícil.

Em 2018, a eleição dele chegou a surpreender a imprensa que, no começo do processo eleitoral, não apostava na vitória do candidato de um partido de pouca expressão e apenas um parlamentar na Câmara dos Deputados, o Partido Social Liberal (PSL). Seguindo o mesmo movimento que carregava Bolsonaro, naquele ano, a sigla do então presidenciável teve o maior crescimento e passou a ter 52 representantes na Casa. Passada a surpresa, a imprensa teve o desafio de cobrir o dia a dia do mandatário. Outro desafio foi para veículos de imprensa que trabalham o gênero da reportagem, que, em tese, têm mais tempo de apuração, pesquisa e reflexões.

É nesse sentido que o presente trabalho opta por investigar como a revista *Veja*, a principal do país, tratou o novo presidente junto ao governo, e questionamos como problema de pesquisa: “Como o presidente da República Jair Bolsonaro (2019-2022) é descrito e caracterizado nas reportagens das capas da revista *Veja*?”

A partir disso, foi definido o seguinte objetivo geral: “analisar as reportagens que compõem as capas da revista *Veja* e trataram diretamente sobre o então presidente da

República, Jair Bolsonaro (2019-2022), a fim de identificar se as publicações o cobram a respeito de suas funções de gestor público e quais personalidades as publicações emprestam ao eleito”.

Dessa maneira, a análise aprofundada dos entendimentos e fatos apresentados se torna importante e necessária para a elucidação de aspectos que fazem parte da mídia brasileira, principalmente em ano de eleições para presidente, governadores, deputados e senadores.

Para basear este estudo, foram utilizadas 18 reportagens diretamente relacionadas ao então presidente Jair Bolsonaro ou ao seu governo encontradas nas capas da revista *Veja* entre janeiro de 2019 e agosto de 2022.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo trata sobre as características do jornalismo de revista. O segundo aborda elementos do jornalismo político que podem orientar a futura análise a respeito do corpus selecionado. No terceiro, tratamos sobre os gêneros jornalísticos, a fim de identificar as eventuais diferenças entre as dimensões da investigação jornalística. Na sequência, apresentamos as estratégias metodológicas, e a análise do material.

## 2. JORNALISMO DE REVISTA

Considerando que o objeto desta pesquisa é a compilação e análise de reportagens da revista *Veja* durante o governo de Jair Bolsonaro (mandato de 2019 - 2022), torna-se necessário identificar quais elementos devemos esperar destes materiais que trabalham com a periodicidade de uma semana. A revista estudada, que nasceu em 1.968, em pleno Regime Militar, chegou, em 2019 (primeiro ano analisado nesta pesquisa), a ter uma tiragem de mais de 600 mil exemplares<sup>1</sup>.

Para iniciar as reflexões, revistas não são veículos novos. Entre um jornal e um livro, estima-se que a primeira revista, ainda que não fosse chamada dessa forma, entrou em circulação na Alemanha, em 1.663. Mesmo com cara de livro, os exemplares da *Erbauliche Monats-Unterredungen*, ou *Edificantes Discussões Mensais*, se aproximavam mais aos jornais quando se analisava o conteúdo, que trazia artigos extensos sobre diferentes temas, mas dentro de um mesmo assunto, e tinha um público específico. Outro ponto que fazia o caderno se aproximar aos jornais era a proposta de periodicidade.

Depois da novidade alemã, não demorou para que outros países criassem suas próprias versões. Dois anos depois, na França, surgiu o *Journal des Savants*, depois o *Giornali dei Litterati*, na Itália, em 1.668, e o *Mercurius Librarius* ou *Faithfull Account of all Books and Pamphlets*, na Inglaterra, em 1.680.

O termo “revista”, porém, só veio aparecer em 1.704, na Inglaterra, e o material mais próximo ao que conhecemos hoje pôde ser encontrado apenas em 1.731, em Londres, com a *The Gentleman's Magazine*, que se inspirava nas “magazines”, grandes lojas que vendiam de tudo um pouco. Esse novo modelo contava com artigos sobre diversos assuntos de maneira mais aprofundada, mas não muito. Realmente entre um livro e um jornal.

No Brasil, as revistas chegaram junto à Família Real Portuguesa, em 1.808. Ainda assim, o primeiro exemplar só foi ser produzido quatro anos depois, em Salvador, na Bahia. A *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura* propunha-se, segundo ela mesma, a publicar o seguinte:

---

<sup>1</sup> Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), esse número de 611.951 exemplares foi alcançado em 2019, entre exemplares impressos e digitais

“Discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos da história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumos de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses -quer em prosa, quer em verso- cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos e que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importância das novas descobertas filosóficas” (SCALZO: 2003)

Ainda que tenha passado por diversas mudanças ao longo de 359 anos, as revistas que chegaram ao século XXI ainda apresentam uma característica crucial para o modelo: a profundidade. De acordo com as referências lidas sobre o tema, além da certa liberdade com o leitor, um modelo intimista e, muitas vezes, mais descontraído, as revistas tem mais tempo de apuração e aprofundamento que os jornais, por exemplo, por sua periodicidade. Para mais, as revistas ainda têm a característica de serem específicas, seja no assunto ou no público.

Para Scalzo (2003), uma boa revista começa com um bom e bem definido plano editorial e missão. Segundo a comunicadora, esses pontos serão o guia para o veículo se posicionar objetivamente em relação ao leitor e ao mercado.

Em relação ao texto, as revistas têm algumas características únicas, que diferem a escrita em si e o modo de se apurar. Villas Boas (1996) considera que uma dessas características é o ponto de vista, que, segundo ele, é primordial para o desenvolvimento do texto. Ainda assim, ele deixa claro a diferença entre angulação e o ponto de vista, de modo que o primeiro é a cobertura específica de um ângulo do fato, sem abrir brechas para interpretações, e o segundo traz todos os ângulos, admitindo interpretações dos leitores.

Considerando o maior tempo de apuração que as revistas disponibilizam para os jornalistas, Villas Boas (1996) ainda acredita que isso é suficiente para que os profissionais se informem, analisem e interpretem as informações, mas sem buscar os extremos da imparcialidade, veemente combatida pelo autor.

Já Scalzo (2003) traz outro ponto importante para o texto. Ela considera que, acima de tudo, o repórter deve se perguntar para quem está escrevendo, quem é o público alvo do veículo em que ele trabalha. Para a autora, em uma revista, um bom texto, além de cumprir sua missão de informar, é aquele que deixa o leitor feliz.

Dessa forma, a linguagem não é igual a utilizada em outros veículos de comunicação. Para Scalzo (2003), é preciso escrever na língua do leitor, ou, como diria o também jornalista Eugênio Bucci (1952-), em “leitorês”.

Ainda assim, dentro das pautas, a periodicidade pode se tornar um empecilho, de acordo com Scalzo. Nos jornais diários, torna-se relativamente “fácil” encontrar uma pauta, já que é um jornalismo cotidiano, diário. Já nas revistas, geralmente publicadas de maneira semanal, quinzenal ou mensal, é preciso que os jornalistas encontrem novos enfoques para os assuntos, buscando sempre a originalidade e, dentro do possível, a atemporalidade.

Tratando sobre a *Veja*, quando lançada, em 1.968, rapidamente se tornou uma das principais revistas do país. Com o objetivo, segundo ela mesma, de levar ao leitor reportagens sobre os principais acontecimentos do Brasil e do mundo de maneira organizada, analítica e contextualizada.

Parte da Editora Abril, a *Veja* foi fundada em pleno regime militar e pouco antes do Ato Institucional nº 5 (AI-5) pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, com o objetivo de ser uma revista nos moldes da norte-americana *Times* de levar ao leitor os principais acontecimentos do país e do mundo de maneira analítica e contextualizada. Durante o período ditatorial, enfrentou a censura e chegou a ter edições apreendidas. Sua edição inaugural, que trazia a crise da União Soviética após a invasão russa na antiga Checoslováquia, vendeu quase 650 mil exemplares impressos, segundo a própria.

Em 2018, a revista completou 50 anos e elaborou uma linha do tempo do veículo. “Ao longo de cinco décadas, VEJA se posicionou como a maior, mais influente e mais prestigiada revista brasileira e continua a criar plataformas para levar informação de qualidade ao leitor”, diz a página comemorativa.

Anos depois, já de volta ao modelo democrático, com a capa “A Semana que mudou o Brasil”, a revista ultrapassou, pela primeira vez, a marca de um milhão de exemplares vendidos. "Subimos um novo e ainda mais ambicioso patamar: a tiragem é de 1.020.000 exemplares, superando pela primeira vez a grande barreira do milhão e estabelecendo uma marca destinada a tornar-se histórica na imprensa brasileira", escreveu o fundador da Abril, Victor Civita, na Carta ao Leitor da edição.

Em 2022, a *Veja*, objeto desta pesquisa, continua sendo a principal revista do País, ainda que tenha diminuído muito sua tiragem. Segundo o Instituto de Verificação de Comunicação (IVC), de 2019, o primeiro ano de governo Bolsonaro, até junho de 2022, foram vendidas, entre exemplares impressos e digitais, 1.449.408 revistas.

### 3. JORNALISMO POLÍTICO

Antes de destrinchar o jornalismo político, consideramos importante detalhar o que é *política*. A palavra política vem do grego *politikos*, que significa cívico, e é a junção das também palavras gregas *opolites*, que está ligada à cidadania, e *polis*, que se relaciona a cidade.

Além da primeira conceituação de política, que surgiu na Grécia Antiga e tinha, de acordo com Aristóteles, o objetivo da busca pela felicidade dos homens (lê-se no geral, não apenas o sexo masculino), a política é compreendida por Erbolato (1981) como a capacidade das sociedades em criar regulamentos capazes de organizar o modo de vida. Com isso, cria-se o Estado, gestão pública e a sociedade civil.

Considerando que existem diversos tipos de política, além da que todos têm como senso comum, relacionada ao poder e instituições políticas, Arendt (2002) também considera que a *política* baseia-se na pluralidade existencial do homem e na conseqüente convivência entre os diferentes. Nesse sentido, os homens se organizam politicamente entre os semelhantes para conviver com os que se diferem.

Nesta seqüência e de forma mais simplista, Maar (1985) traz que toda junção e interação de pessoas que debatem e expõem seus pontos de vista sobre questões da sociedade, é política, seja dentro da família, igreja ou escola.

Considerando a primeira explicação, os já citados poder e instituições políticas, que deveriam ser a ampliação da relação entre os homens, acabam se distanciando da população que, em sua maioria, desconhece seu papel político e acaba deixando o seu “ser político” apenas para os representantes eleitos, aponta Maar (1985). Com isso, acaba-se por responsabilizar meia dúzia de pessoas por coisas que deveriam ser responsabilidade de toda uma sociedade.

É ao levar em conta a abrangência e as diversas camadas da política que Erbolato (1981) inclui o jornalismo como um ato político, já que ele busca comunicar os fatos de interesse público.

Nesse caso, e em complemento a ideia de Erbolato (1981) de que o jornalismo político é onde especificamente se noticia os fatos de interesse público, Cook (2011) considera a mídia noticiosa como um mecanismo do Estado. Ainda assim, para ele, essa explicação não é suficiente a longo prazo.

Dessa forma, Cook (2011) considera que o jornalismo e os jornalistas vão além de meios de ampliação de políticos e tem sua parcela de independência de suas fontes de produção. Nesse sentido, ele equipara o jornalismo aos Três Poderes, de modo que ele é parcialmente independente e parcialmente dependente de outras instituições para cumprir sua missão informativa.

Ainda sobre a relação do jornalismo e a política, mais especificamente sobre a democracia, Marques de Melo (2008) julga que o direito de informar e receber informações é o que fermenta a sociedade e que sustenta a vida democrática, tornando o jornalismo e a democracia irmãos siameses. Dessa maneira, o jornalismo seria uma das formas de aproximar a população de seu papel político.

Marques de Melo (2008) ainda traz que a intensidade e poder do jornalismo político é maior em sociedade onde a democracia representativa ainda está em construção, como o Brasil que, desde a redemocratização, passa constantemente por crises políticas e democráticas.

Partindo do princípio que foi essa relação que alterou e continua alterando a percepção civilizatória sobre a política e a democracia, o jornalismo precisa, assim como a sociedade, evoluir e se aperfeiçoar.

Entre avanços e retrocessos, o jornalismo passou por diversas mudanças ao longo dos anos em todas as suas formas. Tentando encontrar dentro da massa cinzenta do que é “certo” e “errado”, os jornais seguem buscando a melhor e mais “ética” maneira de informar. Com a lenda de que jornais e jornalistas deveriam ser completamente imparciais e isentos, criou-se uma expectativa, não apenas no próprio grupo, mas também nos leitores, de que o jornalismo é apenas a reprodução de fatos, quando, na verdade, é além, e deve trazer também análises e interpretações. No caso do jornalismo político, essa cobrança e busca são ainda maiores.

Para exemplificar a busca pela imparcialidade, Martins (2005) analisa manchetes e primeiras páginas das principais revistas e jornais de 1950, quando dois candidatos tentavam tirar Getúlio Vargas do poder, e 2002, pouco antes do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ganhar as eleições presidenciais. Há 72 anos, era nítida a maneira que os veículos apoiavam os candidatos, na época o brigadeiro Eduardo Gomes e Christiano Machado, e tratavam a opinião como notícia, chegando a parecer campanhas eleitorais oficiais. De acordo com o autor, nesse período, a opinião era tão importante quanto a notícia e o leitor comprava o jornal esperando uma cobertura afinada com seu viés político.

Segundo Pereira (2006), foi aproximadamente nos anos 1960 que o jornalismo brasileiro, através dos esforços dos próprios editores dos jornais, que a ideia de “opinião” e

“informação” foram separadas. Até então, como mostrou Martins (2005), os veículos de comunicação produziam matérias carregadas de adjetivos, às vezes elogiosos, às vezes depreciativos.

Após anos de construção, em 2002, os veículos tentaram buscar a imparcialidade, trazendo logo de início dados e pesquisas que mostravam, numericamente, a provável vitória do petista, e deixando suas próprias opiniões para editoriais oficialmente opinativos. Com isso, Martins (2005) acredita que essa tenha sido uma forma dos veículos tentarem ter uma cobertura equilibrada e relativamente imparcial.

Em complemento e auxiliando para o não extremismo, Cook (2011) traz a missão de encaixar milhares de notícias e acontecimentos em espaços jornalísticos relativamente limitados. No *jornalês*, isso entraria como o chamado “*valor-notícia*”, onde o jornalista e o veículo tornam-se seletivos e destacam apenas uma parte dos acontecimentos. Ainda assim, o autor garante que isso não necessariamente os torna “enviesados”.

Nesse caso, Cook (2011) afirma que simplesmente colocar um ator político em mais evidência que outro não significa, necessariamente, que a organização noticiosa é tendenciosa e a favor ou contra os demais.

Outro ponto abordado por Martins (2005) é que, na maioria dos casos, não basta o jornal trazer a notícia e o fato, como também é necessário qualificar e relacionar com outros acontecimentos que possam agregar à análise, explicando e avaliando possíveis consequências.

Muito próxima da opinião, a interpretação, assim como a primeira, busca ir além do fato em si e dar uma explicação e contexto para ele, mas sem a tentativa de reafirmação de um ponto de vista. Martins (2005) considera que esse é o ponto-chave do jornalismo atualmente, de modo que, a interpretação torna-se um “bote salva-vidas” para o público que é constantemente bombardeado por inúmeras notícias sem contexto ou análise, deixando-os confusos.

Durante sua história, o jornalismo passou por diversas crises, entre financeiras e de identidade. Voltando a Martins (2005) e tratando já de outras crises jornalísticas, as influências externas, como o avanço tecnológico e as diversas crises econômicas que ocorreram ao longo dos anos, também colocaram a profissão em xeque. Nesses casos, o jornalismo foi novamente obrigado a se tornar mais brando em relação a suas coberturas, sem poder se dar ao luxo de ser específico demais em suas opiniões políticas.

Mas muita coisa mudou ao longo dos anos. Entre as várias diferenças está a “superaceleração” da vida, como considera Alcadipani (2007), de modo que as pessoas

passaram a dedicar menos tempo às notícias e informações. Além disso, o autor ainda acredita que a população tem mudado seu modo de pensar, se aprofundando cada vez mais na espetacularização, algo que pode estar ligado a necessidade das pessoas em ter algum escape de suas rotinas.

Ainda assim, o principal impacto fica para a expansão da internet, que desbancou a televisão, rádio e jornais e revistas impressos. Durante todo o século XX, segundo Meyer (2007), os jornais eram hegemônicos na dominação da notícia, sendo “pedágios” pelos quais as informações passavam para chegar até o leitor. Porém, com a chegada da tecnologia, o gargalo composto pelos meios de comunicação foi desviado. Dessa forma, mesmo que a internet não tenha criado a crise do jornalismo — que se arrasta desde os anos 1960, ainda consoante o especialista —, ela, com certeza, ajudou a acelerar o processo e intensificar o desmoronamento, como explica o autor.

Segundo Righetti e Carvalho (2008), a internet passou a ter uso comercial em 1990 e, na segunda metade da década, já tinha espaço como um novo meio de comunicação, o que obrigou a mídia a aderir ao serviço. Porém, Meyer (2007) explica que a adaptação dos meios de comunicação a essa nova ferramenta foi lenta, já que os jornais e os próprios jornalistas acreditaram estarem a salvo, baseados no poder que possuíam.

Mas não foi isso que aconteceu. Com a internet, aliada a criação das redes sociais, todo o ambiente mudou, já que ambos cresceram descontroladamente. Sendo assim, Seabra (2006) afirma que as tecnologias geraram a aceleração do processo de obtenção das informações, o que afetou a qualidade das matérias e causou o aumento de possíveis erros.

Em paralelo, com a internet, a informação passou a não ter mais um mediador exclusivo e qualquer pessoa pode publicar “notícias” em seus canais, conforme Caldas e Rebouças (2016).

Santaella (2019) ainda considera que as tecnologias auxiliaram para a democratização do uso e consumo das mídias. Dessa forma, houve a consolidação e ampliação, segundo Miguel e Biroli (2011), das redes alternativas de comunicação.

Porém, essa nova forma de noticiar abriu uma caixa de pandora e desencadeou uma crise que afetou não apenas o jornalismo, mas toda a sociedade. O que começou como uma forma inocente de se comunicar e compartilhar acontecimentos cotidianos rapidamente se tornou um problema. Sem um compromisso com os valores do jornalismo, esses novos comunicadores - ou seja, blogueiros e internautas - ficaram livres para propagar qualquer tipo de informação, seja ela verdadeira, falsa ou alterada.

Com isso, e partindo da fala do ministro de Propaganda nazista, Joseph Goebbels, de que “uma mentira dita uma única vez permanece como mentira, mas uma mentira repetida milhares de vezes torna-se verdade”, Santaella (2019) considera que a internet e as redes sociais, ao repetir, compartilhar e comentar milhares de vezes essas mentiras, auxiliaram a dissolver as fronteiras da verdade.

A sensação de liberdade dentro deste novo meio de comunicação levou ao que ficou conhecido como “pós-verdade”, que seria um momento em que a verdade não tem mais relevância ou importância. Tendo ganhado notoriedade em 2016, após ser usado pela revista britânica *The Economist*, o termo foi empregado em uma matéria para debater a campanha eleitoral de Donald Trump, nos Estados Unidos, e mostrar que, com ele, a verdade havia se tornado secundária no meio digital. Atualmente, os assuntos mais retratados nessa nova “verdade” são temas políticos.

Com a “pós-verdade”, segundo Perosa (2017), a indústria das *fake news* foi ampliada por três fatores. O primeiro é a alta polarização política, que prejudica o debate racional e o consenso. Nesse caso, vale ressaltar o considerado pelo filósofo e cientista Marcos Nobre (2022) de que, no Brasil atual, não há uma “polarização política”, mas sim uma divisão. Isso porque, segundo o estudioso, a “polarização” apenas existe quando forças opostas disputam o poder de acordo com as regras democráticas e, no caso de Jair Bolsonaro, tais normas parecem não ser mais suficientes para resolver disputas e conflitos.

Voltando para as ideias de Perosa (2017), o segundo fator seria a descentralização de informações e meios de comunicação, como já citado. Por último, há o ceticismo e descrença generalizada da população quanto às instituições políticas e democráticas. — O Brasil apresenta todas as motivações listadas.

A última, pode ser justificada pelos diversos momentos de provação política e democrática vividos na história brasileira. O maior deles, talvez, tenha sido a ditadura militar (1964 – 1985), de modo que, desde então, a democracia brasileira, que nunca foi verdadeiramente consolidada, tenha derrapado ainda mais.

Em 2005, segundo Moisés (2005), uma série de pesquisas mostraram que, naquele período, cerca de  $\frac{2}{3}$  da população já não confiava, em diferentes graus, nos parlamentos, partidos, tribunais e serviços públicos — adicionamos também a imprensa.

Parte dessa desconfiança e desesperança é resultado, ainda de acordo com o autor, da ineficiência institucional, da corrupção, de fraudes e do desrespeito aos direitos da sociedade. Considerando o papel da mídia já explicado anteriormente, o jornalismo se coloca, segundo Freitas (2000), por vezes, como propagadora de valores negativos, se desdobrando em uma

parcialidade exagerada, otimismo disfarçado de objetividade e ausência de pluralismo de ideias.

Voltando ao debate sobre pós-verdade, ainda que existam “notícias” completamente mentirosas, Perosa (2017) esclarece que, na verdade, o maior impacto na sociedade é causado por artigos que se baseiam na realidade, mas distorcem a informação para chegarem ao objetivo. Dessa forma, os autores deste tipo de mentira — ou distorção — se agarram ao máximo a fatos e tentam montar uma experiência o mais próximo possível da verdade.

Para entender melhor o fenômeno da pós-verdade, Perosa (2017) ainda cita outro termo amplamente retratado em estudos psicológicos: “viés de confirmação”. Esse efeito é caracterizado pela tendência humana em apenas aceitar informações que embasam crenças particulares e rejeitar aquelas que as contradizem. Em complemento, Santaella (2019) ainda afirma que, em sua maioria, a horda dos que creem em *fake news* se deixam levar mais pela emoção que pela racionalidade.

Conscientes de seu poder, os veículos alternativos - ou seja, blogs e as próprias redes sociais- passaram a atacar a imprensa tradicional, a classificando, segundo Perosa (2017), como mentirosa e parte do “sistema”. Dessa forma, o sentimento de desconfiança sobre os meios de comunicação e fontes tradicionais e oficiais apenas aumentaram.

Considerando que, para sobreviver, o jornalismo precisa de um novo modelo, Meyer (2007) considera que é necessário que os veículos de comunicação invistam na qualidade dos profissionais e materiais, se baseando na tríade *qualidade, credibilidade e lucro*, que formam um caminho linear de avanço.

Porém, atualmente, essa solução tornou-se insuficiente exatamente pela chegada da tecnologia e internet. Há anos, redações jornalísticas têm passado por “exugamentos”, com um único repórter realizando o serviço de produção e captação de imagem e som, por exemplo.

#### 4. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Como a presente pesquisa trata do gênero reportagem e tudo o que pode se esperar desse formato de texto, entendemos ser necessária uma revisão dos gêneros jornalísticos e suas características.

O jornalismo é uma atividade profissional ligada, nesse campo do saber, à produção de conteúdo e de conhecimentos de uma época. Por isso, existe a necessidade de conceituar suas ideias e fundamentos. Como os textos se apresentam em diferentes formas, é importante abrigar classificações a fim de entender de que forma chegam aos diferentes públicos. Essas tipologias (como notícias ou reportagens) estão entre os principais estudos da área. Marques de Melo (1985), um dos principais estudiosos do tema no Brasil, caracteriza os gêneros como a distinção entre os modos de relatar os acontecimentos.

Mesmo com algumas diferenças nominais e classificatórias entre as divisões europeias, norte-americanas, hispano-americanas e brasileiras, no geral elas apresentam as mesmas características de separação entre informação e opinião. Dessa forma, Marques de Melo (1985) divide o jornalismo em dois: “informativo”, onde há o registro e compartilhamento dos acontecimentos, e “opinativo”, com o compartilhamento dos pensamentos sobre esses acontecimentos. Desses, ainda há subdivisões:

- **Jornalismo informativo:**

- Nota;
- Notícia;
- Reportagem;
- Entrevista

- **Jornalismo opinativo:**

- Editorial;
- Artigo;
- Comentário;
- Crônica;
- Resenha;
- Coluna;
- Caricatura;
- Carta

Essas divisões e subdivisões podem ser consideradas fundamentais para estabelecer olhares em busca pelo que entendemos serem pilares profissionais: a imparcialidade, a objetividade e a isenção, anteriormente comentadas. Ao separar a informação da opinião dentro dos próprios veículos de comunicação, o jornalismo torna mais fácil e explícita essas caças.

No jornalismo atual, é possível identificar os textos, como a notícia, reportagem, reportagem de profundidade, editorial, artigo e crônica. Porém, outros foram descartados ou agrupados.

Dessa forma, para este trabalho, a conceituação e diferenças entre a notícia e a reportagem mostram-se necessárias. A primeira, segundo Beltrão (1969), é o relato fiel e inviolável de um fato, uma ideia ou uma situação presente que ocorra na comunidade em que o jornalismo está inserido.

Até a primeira Revolução Industrial (século XVIII), as notícias caracterizavam-se pela sua forma artesanal, com crenças e perspectivas individuais. Porém, agora, de acordo com Lage (2001), isso foi substituído, e ambas características foram eliminadas, de modo que quanto mais desprovida de emoções for a notícia, mais prestigiada ela será.

Outra ponto sobre a notícia é que ela, além de ter se tornado um produto industrial e artigo de consumo padronizado, também foi incluída na comunicação de massa, onde a *massa* é “um público desconhecido e indiferenciado”, considera Lage (2001).

Sobre a reportagem, Lage (2001) posiciona que se trata de um gênero difícil de se definir, já que pode ser desde a simples complementação de uma notícia até um texto capaz de revelar fatos impactantes e de interesse permanente.

Por outro lado, Beltrão (1969) caracteriza a reportagem como “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos”.

Mesmo que próxima à notícia, o autor diferencia esses formatos pela dinâmica das fontes de informação. No caso da notícia, a informação vai até o jornalista, e na reportagem, o jornalista vai até a informação, para testemunhá-la ou colhê-la da própria fonte.

Além disso, a notícia e a reportagem divergem em outros pontos, como o planejamento prévio, a obediência a uma linha editorial e, principalmente, ao fato de que a segunda não necessariamente trata de acontecimentos novos e presentes. Isso porque a reportagem vai além do acontecimento presente.

Magno (2006) ainda caracteriza essa diferença e a extensão da reportagem da seguinte maneira:

Fazer jornalismo é contar uma versão da história do presente. Reportagem é a melhor versão, a mais completa, a que vai muito além do ontem. O ontem é o tempo da notícia. Reportagem pode passear por vários tempos, é lenta na investigação e longa na escrita. Exige olhos de surpresa durante a apuração e esmero na escrita. Enche de lama a alma do repórter e carrega o leitor para outras terras, mostra-lhe o perfume e o fedor, os josés e os senhores, o lixo e o luxo destas novas paisagens, retrata o real com tantas vozes e cenas que assanha a imaginação e a reflexão de quem lê (MAGNO, 2006, p. 15).

Nesse sentido, Lage (2001) acredita que a reportagem surgiu da necessidade dos jornalistas de se conectar com seus leitores e fazer com que a população parasse sua vida corrida para ler uma matéria extensa e elaborada até o final. Inicialmente, o mecanismo utilizado foi o sentimentalismo, depois transformou-se em simplesmente informar.

Porém, não é simples produzir reportagens, exatamente por sua extensão e tempo de apuração. Lage (2001) traz que, para escrever uma reportagem, é necessário que a indústria jornalística tenha interesse por investir nesse tipo de conteúdo, já que geralmente são enfrentados problemas na conquista de leitores ou prestígio.

Por serem complexas, as reportagens, assim como o próprio jornalismo, são subdivididas. Nesse sentido, existem, segundo Lage (2001/2005), ao menos, quatro tipos de reportagem: investigativa, interpretativa, narrativa e opinativa.

Ainda que toda reportagem deva ser investigada e interpretada em certa medida, existem textos que se aprofundam nessas categorias. A investigativa, segundo Lage (2001), pode ser caracterizada como “um esforço para evidenciar misérias presentes e passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido”.

O autor ainda considera que, em alguns casos, a investigação é levada a um nível intelectual, onde agrega-se a tecnologia no processo e, com isso, utiliza-se principalmente números, considerado como prova irrefutável, para combater o senso comum. Em outros casos, onde o jornalista vai a campo, a reportagem investigativa pode incluir ocasiões de risco, como infiltração em locais considerados perigosos e simulações de identidade.

Outro gênero distinguido é o interpretativo que, ainda de acordo com Lage (2001), caracteriza-se pela evidenciação das possíveis consequências e implicações do assunto abordado na reportagem. Trata, pois, da busca pelos contextos, acrescentando assim informações que vão além do relato original. Geralmente, essas interpretações são realizadas sob a perspectiva de metodologias científicas e, dessa forma, o texto é apresentado ao leitor com a possibilidade de se estabelecer conclusões próprias. Nesse caso, o ideal é trazer diversos

pontos de vista sobre o assunto. Por isso, o produto do jornalismo interpretativo também pode ser reconhecido como “reportagem aprofundada”.

Já a narrativa pode ser constituída, segundo Lage (2015), de duas maneiras: a primeira, por uma sequência de fatos que se juntam a outros, definindo-se assim planos de narração. Ela ainda pode ser caracterizada pela abordagem de fatos e eventos que perpassam o tempo, intercalados por entrevistas, diálogos e análises da situação. Ainda assim, nesse caso, apenas se narra, de modo que o jornalista mais sugere do que afirma.

Enquanto as outras reportagens podem ser encontradas em jornais e, às vezes, transformadas em livros, a reportagem opinativa é majoritariamente encontrada em revistas. Isso porque as *magazines* dão maior liberdade para os jornalistas e veículos em si de opinar sobre os assuntos.

Neste caso, Lage (2015) afirma que diferenciar os conteúdos torna-se difícil, já que esse tipo de texto é escrito de maneira a parecer constatações ou evidências. O autor, inclusive, cita a *Veja* (objeto de pesquisa deste trabalho), como exemplo de veículo que utiliza a reportagem opinativa.

Anteriormente colocado como um benefício, Lage (2015) desenvolve que a demasiada proximidade com o leitor das revistas e personalidade nos textos pode tornar os conteúdos opinativos e pessoais demais.

## 5. MÉTODO

A partir do que foi identificado como objetivo geral do trabalho, o de “analisar as reportagens que comporão as capas da revista *Veja* e trataram diretamente sobre o então presidente da República, Jair Bolsonaro (2019 – 2022), a fim de identificar se as publicações o cobram a respeito de suas funções de gestor público e quais as personalidades as publicações emprestam ao eleito”, tratamos aqui dos caminhos para realizar a estratégia metodológica a ser implementada na análise.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo, método a ser usado nesta pesquisa, organiza-se e divide-se em três partes:

- Pré-análise;
- Exploração do material;
- Interpretação dos resultados.

Neste sentido, a pré-análise é a organização e separação do material a ser estudado. Esta fase, consoante a autora, tem o objetivo de sistematizar as ideias iniciais, de modo a elaborar um sistema de desenvolvimento dos próximos passos em um plano de análise.

Para isso, a pré-análise tem três missões, que não precisam necessariamente seguir esta ordem: a escolha do material a ser estudado, a formulação das hipóteses e objetivos e a formulação de fundamentações para a análise final. Nesse primeiro caminho, ocorre conteúdo de generalização consciente a fim de separação desses conteúdos.

Primeiramente, é necessário fazer o que Bardin (1977) chama de “leitura flutuante”, que consiste em ter o primeiro contato com os documentos a serem analisados, tendo as primeiras impressões e orientações sobre eles.

Após essa fase, há, de fato, a escolha dos documentos com base no objetivo geral estabelecido pelo problema a ser resolvido. Há, então, a formulação de um *corpus*, que, segundo Bardin (1977), é o conjunto dos documentos que serão submetidos à análise.

Para constituir o que chamamos de *corpus*, é necessário se encaixar em alguma das quatro regras estabelecidas pela autora. A primeira delas é a de análise sistemática, que gera olhar exaustivo, em que é preciso acatar todos os elementos do *corpus*, sem poder desconsiderar qualquer material por qualquer razão que não possa ser justificada.

A próxima é a da representatividade, que tem como base a delimitação dos documentos, formando uma amostra daqueles que se encaixam no proposto. Nesse sentido, Bardin (1977) considera que nem todo material é passível para fazer parte desta amostragem, sendo mais importante a redução do universo analisado para uma melhor compreensão.

A terceira é a da homogeneidade, onde os documentos selecionados devem ser similares e obedecer a critérios precisos de escolha pré-estabelecidos. No geral, esta regra é utilizada quando se deseja obter resultados globais ou comparar os resultados individuais entre si.

A última regra abordada por Bardin (1977) é a da pertinência, que traz que os documentos selecionados devem ser adequados como fonte de informação, de modo a responderem ao objetivo da análise.

Voltando às etapas da pré-análise, a autora continua com a formulação da hipótese e dos objetivos. Segundo Bardin (1977), de maneira simples, a hipótese é uma afirmação provisória que ainda passará por verificação com origem intuitiva.

Já o objetivo é a finalidade geral proposta, ainda podendo ser o quadro teórico onde os resultados obtidos serão utilizados. (aqui ela traz outros conceitos para quando a hipótese não é estabelecida)

Por fim, há a referenciação dos índices e elaboração dos indicadores (para encontrar, por exemplo, as reportagens que trataram sobre Jair Bolsonaro e as diferentes qualificações dadas à personagem real). Nesta parte, há a escolha final dos documentos a serem analisados com base na hipótese e objetivo formulados e a organização sistemática destes em indicadores. Neste sentido, os indicadores devem ser determinados pelo recorte do texto em partes comparáveis por meio de categorizações — conceito a ser abordado mais adiante — para uma análise temática precisa, uma futura codificação e registro dos dados.

Sendo assim, a próxima parte proposta é a exploração do material, onde há a aplicação sistemática das decisões tomadas na pré-análise. Esta fase consiste, de acordo com Bardin (1977), na codificação e decomposição dos documentos selecionados.

A última parte é o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação destes. Para isso, as conclusões podem ser tratadas de diferentes formas a fim de se tornarem válidos e estabelecerem quadros de resultados, que são condensados e revelam as informações agrupadas na análise.

Com os dados brutos separados, Bardin (1977) recomenda a análise da importância da codificação, ou seja, da transformação dos resultados da análise em texto que permite a representação do conteúdo.

Para este trabalho, porém, o mais importante a ser considerado é a categorização, que, segundo Bardin (1977), é a divisão dos componentes dos documentos analisados em classes, de modo a diferenciá-los e depois reagrupá-los seguindo critérios pré-estabelecidos pela pesquisadora. Neste sentido, as classes podem ser estabelecidas por semântica, sintática, léxica ou expressiva

Para Bardin (1977), classificar os elementos em categorias impõe a investigação do que cada um dos documentos selecionados têm em comum e, por condensação, representá-los de maneira simplificada. Para isso, é necessário a divisão em etapas:

- Inventário: isolamento dos elementos;
- Classificação: repartição dos elementos e busca ou imposição das categorias sobre o material.

Bardin (1977) ainda traz que, para se ter boas categorias, é necessário seguir algumas qualidades:

- Exclusão mútua: um elemento não pode existir em mais de uma categoria;
- Homogeneidade: a organização deve ser orientada por um único princípio de classificação;
- Pertinência: para se tornarem apropriadas, as categorias devem refletir as intenções da investigação;
- Objetividade e fidelidade: as diferentes partes de um documento devem ser codificadas da mesma forma, ainda que submetidas a diversas análises, de modo que as variáveis devem ser claramente definidas;
- Produtividade: os resultados devem ser fartos, com novas hipóteses e dados exatos

Dessa forma, neste trabalho, onde pretendemos categorizar as reportagens da revista *Veja* e, conseqüentemente, chegar ao objetivo proposto, trataremos de responder algumas questões para chegar às categorizações, como:

1. Como o presidente Jair Bolsonaro é tratado na reportagem?
2. Quais são as qualificações empregadas a ele?
3. O presidente é cobrado por seus deveres públicos? E suas atitudes?
4. A que categoria pré-estipulada (Imprevisível ou desqualificado, Controverso ou conspiracionista, Autoritário) pertence?

Utilizando métodos excludentes para chegar a um número razoável de reportagens, afunilamos ao total de 18 matérias, publicadas entre janeiro de 2019 e agosto de 2022. São elas:

- Agora é para valer - “Façam suas apostas”, Daniel Pereira e Gabriel Castro, 09/01/2019;
- Confusão na largada - “Tuitadas e trombadas”, Edoardo Ghirotto, 16/01/2019;
- Veneno no Planalto - “A crise tem pai e filho”, Marcela Mattos e Nonato Viegas, 20/02/2019;
- Os 100 dias de Bolsonaro - “O governo ficou menor”, Roberta Paduan, Edoardo Ghirotto e Eduardo Gonçalves, 10/04/2019;
- Alerta de tsunami - “Atenção ao tsunami”, Daniel Pereira e Marcela Mattos, 22/05/2019;
- Cinco meses, talkey? - “Não vou resolver na raça”, Maurício Lima e Policarpo Junior, 05/06/2019;
- Bolsonaro 2022 - “2022, o ano já começou”, Daniel Pereira e Marcela Mattos, 03/07/2019;
- O paradoxo Bolsonaro - “Pesquisa exclusiva: o que o brasileiro pensa sobre o governo Bolsonaro”, Edoardo Ghirotto, 28/08/2019;
- A fachada que mudou a história - “6 de setembro de 2018: um dia para entrar na história”, Thiago Bronzatto e Marcela Mattos, 11/09/2019;
- Um presidente sem filtro - “Bolsonaro acusa Witzel de querer destruí-lo no caso Queiroz”, Policarpo Junior e Marcela Motta, 25/12/2019;
- Quem manda sou eu - “Sem Mandetta, Bolsonaro planeja mudança arriscada no combate à covid-19”, Thiago Bronzatto, Marcela Mattos e Hugo Marques, 22/04/2020;
- A estrada da perdição - “O risco do flerte de Bolsonaro com a gastança para reaquecer a economia”, Machado da Cosa, Thiago Bronzatto e Victor Irajá, 19/08/2020;
- A construção de pontes - “Depois de gritos de guerra, o acordo de paz entre os Poderes”, Thiago Bronzatto, Laryssa Borges e Marcela Mattos, 14/10/2020;
- Quando a máscara cai - “Petrobras: Bolsonaro confrontou Guedes e minou imagem liberal do governo”, Thiago Bronzatto e Josette Goulart, 03/03/2021;
- Inimigo de si mesmo - “Confrontos e provocações de Bolsonaro atingem economia e aumentam rejeição”, Carlos Valim, Victor Irajá e Larissa Quintino, 08/09/2021;
- O estranho mundo de Jair - “Diante da vida real, Bolsonaro eleva perigosamente o tom contra inimigos”, Daniel Pereira, 15/09/2021;

- A chance de um golpe é zero - “‘A chance de um golpe é zero’, diz Bolsonaro em entrevista a Veja”, Maurício Lima e Policarpo Junior, 29/09/2021;
- Perigo à vista - “Em reunião ministerial, militares atacam o TSE e defendem auditoria”, Daniel Pereira e Laryssa Borges, 13/07/2022

Sendo assim, para facilitar a análise e utilizando como base o conceito de categorização de Bardin (1977), determinamos as seguintes categorias sobre como as reportagens caracterizam o presidente:

- **Imprevisível ou desqualificado**

- Para as ocasiões referendadas às matérias que consideraram as reações de Jair Bolsonaro imprevisíveis ou o classificaram como desqualificado para o cargo de chefe do Executivo.

- **Controverso ou conspiracionista**

- Nesta segunda identificação, são relacionados àqueles momentos em que o presidente teve ações e opiniões controversas ou que mostrou crer em teorias da conspiração.

- **Autoritário**

- Por fim, a última categoria sugerida para o presente trabalho diz respeito aos momentos em que o mandatário se mostrou autoritário.

## 5. ANÁLISE

Para chegar ao objetivo proposto neste trabalho, foram analisadas, no total, 18 reportagens de capa da revista *Veja*, onde o critério de escolha teve como base a utilização da imagem ou nome do presidente Jair Bolsonaro entre janeiro de 2019 e agosto de 2022. Dessa forma, em 2019, foram 10 matérias, em 2020, três, em 2021, quatro, e, em 2022, uma.

Sobre as cobranças dos deveres públicos e atitudes do presidente da República, as reportagens são duras com as críticas e análises a Jair Bolsonaro e se utilizam bem das liberdades dadas pelo jornalismo de revista.

Como descrito no primeiro e terceiro capítulo deste trabalho, ao contrário dos jornais que veiculam notícias diárias, as revistas e as reportagens têm maior flexibilidade ao abordar temas, nos modos de escrita e na linguagem utilizada.

Dessa forma, o tipo de texto utilizado na *Veja* pode ser classificado como o que Lage (2015) denomina de “reportagem” e, em ocasiões específicas a serem observadas, como “reportagem opinativa”. Ainda que cause estranheza para aqueles acostumados ao distanciamento do jornalista e do texto jornalístico, o autor considera difícil identificar este tipo de reportagem, já que a redação traz, nesses casos, conteúdos de opinião misturados à opinião, e é escrita de maneira a se aproximar de constatações e evidências. Lage (2015) ainda acrescenta que este estilo de escrita é encontrado em revistas.

Ainda assim, antes colocado como um benefício, Lage (2015) alerta para o excesso de proximidade com o leitor, de maneira que a pessoalidade nos textos pode torná-los opinativos e pessoais demais.

Dessa forma, em diversos momentos os materiais selecionados do veículo se aproximam da linha tênue que divide o informativo e o opinativo e, por vezes, vai contra o princípio do primeiro de imparcialidade e isenção.

Como apresentado anteriormente, esses termos são algo a serem buscados, mas sob o juízo da função jornalística informativa, social e politicamente responsável, reconhecendo que o veículo é um ator político inquestionável, como indica Cook (2011). Sendo assim, o uso da pessoalidade pode ser considerada uma tentativa do veículo em se aproximar e conectar mais do seu leitor.

Outro ponto importante sobre o texto de revista, como mostra Scalzo (2003), é a noção de para quem se está escrevendo, um público que espera conteúdo aprofundado e analítico. No caso da *Veja*, uma vez por semana. Com análises e informações

contextualizadas, a revista apresenta de maneira completa os acontecimentos no mundo político para o leitor que se interessa sobre o assunto, em especial sobre o presidente Jair Bolsonaro.

Em relação ao jornalismo político, editoria onde as reportagens analisadas neste trabalho se encaixam, diversos autores também corroboram e justificam o estilo de texto utilizado pela revista. Durante o curso de jornalismo, professores e estudantes reconhecem a *Veja* como um veículo de cobertura crítica aos governos petistas (2002 – 2016). Pesquisas acadêmicas são indicativas que esse veículo julgou duramente os ex-presidentes, Luiz Inácio Lula da Silva (2002 – 2010) e Dilma Rousseff (2011 – 2016) quando foram mandatários do Executivo

A respeito de Jair Bolsonaro (2018 – 2022), há ainda questionamentos sobre o papel da *Veja*, o que é justificativa para essa análise. Ainda que a revista continue sofrendo críticas pelo extremo foco na figura presidencial e em como isso os colocaria como um jornalismo parcial, Cook (2011) justifica que colocar um ator político em mais evidência não necessariamente configura que o veículo é tendencioso e a favor ou contra os demais.

Ainda considerando o papel do jornalismo na política e da democracia, onde se noticiam os fatos de interesse público, como mostra Cook (2011), Bolsonaro é o presidente da República e, por consequência, cada ação e decisão tomada deve ser noticiada. Mesmo assim, o autor ainda traz que o jornalismo e o jornalista devem ir além de apenas mecanismos de ampliação de políticos e tem sua parte independente das fontes de produção. Dessa forma, Cook (Idem) considera o jornalismo próximo aos Três Poderes, já que ele é dependente e independente de outras instituições para cumprir sua missão, assim como os poderes. Nesse caso, a missão jornalística é a de informar.

Em complemento, Martins (2005) mostra que, na maioria dos casos, não é suficiente para o material jornalístico trazer apenas o fato, de modo que torna-se necessário também qualificar e relacioná-los com outros acontecimentos, agregando a análise e explicando possíveis desdobramentos para o caso, característica que a *Veja* utiliza de forma maestral. Dessa forma, ainda de acordo com Martins (2005), a utilização da interpretação nos textos tornou-se um “bote salva-vidas” para os leitores que são diariamente atacados por notícias e reportagens descontextualizadas.

Sobre a crescente utilização de *fake news* nos meios digitais, fica claro em diversas reportagens analisadas que o presidente da República se utiliza muito bem deste mecanismo. Seguidor assumido do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Bolsonaro pareceu

aprender bem com o mestre e se utilizou (e utiliza) de todos os mecanismos para crescer apoiado na pós-verdade.

Como explicado anteriormente por Santaella (2019), ao repetir, compartilhar e comentar milhares de vezes uma mesma mentira, os controladores desse novo meio alternativo, entre eles o próprio presidente, ajudam a tornar essa mentira verdadeira.

Bolsonaro, utilizando os ensinamentos de Trump, ao inflamar ainda mais a polarização política existente em ambos os países, se colocar como a única opção além do tradicional e atacar constantemente as mídias convencionais, criou um universo próprio — às vezes completamente ilusório e às vezes baseado em fatos reais — em que apenas ele e seus seguidores estariam dizendo a verdade.

Outro ponto bastante importante utilizado por Bolsonaro é o conceito apresentado por Perosa (2017) de “viés de confirmação”. Foi por meio do conhecimento de para quem estava escrevendo e falando nas redes sociais que o candidato à presidência ganhou as eleições e se tornou e se manteve presidente.

Dessa forma, voltando para as categorias determinadas e partindo do princípio de que nas reportagens Jair Bolsonaro pode ser caracterizado por mais de uma classe, a divisão ficou da seguinte forma:

## 5.1 Análise das reportagens publicadas em 2019

**Total de reportagens: 10**

**Resumo da categorização:**

- Imprevisível ou desqualificado: 9 registros
- Controverso ou conspiracionista: 7 registros
- Autoritário: 1 registro

Neste ano, as primeiras matérias traziam expectativas para o novo mandatário e governo. Ainda assim, rapidamente Jair Bolsonaro passou a ser colocado como alguém **desqualificado**, que não teria entendido seu papel como presidente da República, como podemos ver na primeira reportagem de seu governo com o título de “Façam suas apostas”, logo no primeiro parágrafo.

Empossado como o 38º presidente do Brasil às 15h10 da terça-feira 1º, Jair Messias Bolsonaro, de 63 anos, continua uma incógnita. Em seu primeiro discurso após assumir o cargo, diante dos parlamentares e das delegações estrangeiras, **ele enfileirou platitudes, avaliações genéricas e procurou apresentar-se como um conciliador**. Em seu segundo discurso, proferido menos de duas horas depois diante de milhares de apoiadores, **retomou o populismo raso de campanha e voltou a declarar guerra a adversários reais (como o petismo) e imaginários (como o socialismo)** - com direito ao bordão “nossa bandeira jamais será vermelha”. A incógnita não se resume ao que seu governo fará. Em seus dois pronunciamentos, que somaram vinte minutos e 1 965 palavras, o presidente não listou prioridades, esqueceu-se de falar do combate à desigualdade, a mazela mais ultrajante do Brasil, e nem sequer mencionou a mão de todas as reformas, a da Previdência. (grifos nossos. Veja, 2019, ed. nº 2616)

Continuando a estratégia de compartilhar informações mentirosas ou alteradas de candidato à presidência, a reportagem “Tuitadas e trombadas” mostra no primeiro parágrafo um Jair Bolsonaro, já eleito, novamente **desqualificado** para o cargo ao comparar suas falas (e mentiras) dos primeiros 10 dias de governo com quando ele ainda era deputado federal e candidato à presidência, além de colocá-lo como alguém que ainda não teria entendido sua autoridade do cargo.

Na campanha, bravatas e afirmações beligerantes pavimentaram seu caminho até o poder. Ocorre que, 57 milhões de votos depois, com a faixa verde-amarela no peito, transitando entre as emas do Palácio da Alvorada e assinando documentos oficiais com sua caneta Compactor, o novo presidente continua se comunicando, em entrevistas ou por redes sociais, com a imprudência de um candidato. E tem de ser corrigido pela própria equipe. Em apenas dez dias de governo, o presidente foi aberta e publicamente desmentido três vezes por subordinados. **Trata-se de um caso peculiar de um chefe do Executivo que, recém-empossado, em vez de agir como o pacificador dos ímpetus de sua corte, como tem sido praxe em início de governo desde a redemocratização, é ele mesmo a fonte de tensões e divergências.** (grifo nosso. Veja, 2019, ed. nº 2617)

Em complemento, as reportagens ainda introduzem a problemática da família presidencial e a dependência da relação com os filhos, além de como isso poderia atrapalhar o desenvolvimento do governo. No primeiro parágrafo da reportagem “A crise tem pai e filho”, por exemplo, também mostra Bolsonaro como alguém **desqualificado** ao criticar a mistura e a invasão de membros da família na gestão pública.

A figura política mais surpreendente do governo de Jair Bolsonaro não faz parte do governo de Jair Bolsonaro. Seu filho Carlos tornou-se conhecido pelos brasileiros quando se sentou no banco de trás do Rolls-Royce que desfilou com o presidente e a primeira-dama no dia da posse, em Brasília. Aboletado no encosto, com os pés nos bancos de couro, Carlos Bolsonaro não deu um sorriso e manteve-se atento o tempo todo. Sua missão, que ele próprio se atribuiu devido a um “mau pressentimento”, era ficar alerta para um atentado contra o pai. Sua presença ali, quebrando o protocolo das posses, emitiu um sinal: sua influência junto ao pai não se limitaria aos laços familiares. Na semana passada, no curso da mais bizarra das crises políticas, Carlos Bolsonaro, 36 anos, vereador do Rio de Janeiro e sem nenhum cargo no governo federal, mostrou todo o esplendor de sua ascendência sobre o pai e detonou publicamente Gustavo Bebbiano, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência e um dos primeiros a embarcar a candidatura presidencial de Bolsonaro,

quando nem o candidato acreditava muito nas suas chances de sucesso. (Veja, 2019, ed. nº 2622)

Passada a chamada “lua de mel”, ou seja, os primeiros 100 dias de governo, quando o presidente e sua equipe ainda estão se adaptando ao poder e responsabilidades, as reportagens apelam para a opinião popular para mostrar que a paciência com Bolsonaro e seu governo rapidamente se esgotava, já que as promessas e propostas — ou falta delas — feitas pelo mandatário durante a campanha eleitoral se mostravam cada vez mais irrelevantes para comandar, de fato, um País, como mostrado no segundo parágrafo da reportagem “O governo ficou menor”, que caracteriza o então presidente como alguém **conspiracionista e desqualificado**.

A perda de popularidade do atual governo deve-se, em boa parte, à fragilidade de seu eleitorado, reunido em um processo eleitoral altamente polarizado. O caldeirão de eleitores do candidato do PSL juntou grupos com expectativas múltiplas, como foram múltiplas (e vagas) as promessas de campanha: combate à corrupção e ao petismo, reforma conservadora dos costumes, segurança pública. **O antipetismo, por exemplo, foi excelente para ganhar a eleição, porém inútil para governar bem.** (grifo nosso. Veja, 2019, ed. nº 2629)

As quatro matérias seguintes retratam a face conflituosa e **imprevisível** do presidente. Na primeira grande crise do governo, que abarcou desde o recuo econômico e a queda da aprovação do governamental às polêmicas ao redor de Bolsonaro, que envolveram seu filho Flávio Bolsonaro e o seu então ministro da Educação, Abraham Weintraub, o presidente é mostrado no terceiro parágrafo da reportagem “Atenção ao tsunami” como alguém que tenta justificar as falhas de seu governo em **teorias da conspiração**.

Desde que assumiram o poder, o presidente e seus familiares costumam creditar as dificuldades que enfrentam a resistências espúrias — de corruptos, comunistas, globalistas etc. As sucessivas derrotas no Congresso, alegam, seriam consequência do apego dos parlamentares à velha política e à cartilha do fisiologismo. Essa tese é conveniente para o governo, que entoa aquilo que certa fatia do eleitorado quer ouvir, mas não retrata a realidade. **E a realidade é que Bolsonaro tem dificuldade em fazer política, nova ou velha.** (grifo nosso. Veja, 2019, ed. nº 2635)

Depois, porém, as reportagens começam a entender e retratar o “*modus operandi*” de agressividade de Bolsonaro como uma forma desviar o foco de índices e acontecimentos importantes que poderiam prejudicar seu governo.

Durante a reportagem “O que o brasileiro pensa sobre o governo Bolsonaro”, em específico no quinto parágrafo, o presidente é colocado como alguém **controverso, desqualificado e conspiracionista**, exatamente por abordar assuntos absurdos de maneira agressiva para tirar a atenção dos verdadeiros problemas enfrentados pelo governo.

No estilo comunicativo de Bolsonaro, em que até o “cocô petrificado dos índios” vira assunto presidencial, os temas relevantes, de fato, ficam ausentes de suas manifestações diárias. **Poucas vezes se vê Bolsonaro falar sobre saúde e educação, muito menos sobre economia.** (grifo nosso. Veja, 2019, ed. nº 2649)

Entretanto, assim como mostrado anteriormente sobre as características dos textos analisados, em dados momentos parece que as reportagens preferem finalizar os debates ao invés de deixar a análise para o leitor.

Por exemplo, ao quebrar a própria promessa de acabar com a reeleição e a súbita mudança de opinião, de maneira **controversa**, Bolsonaro desfaz, segundo a reportagem “2022, o ano que já começou”, a imagem construída durante a campanha presidencial de um político diferente dos tradicionais.

Nesse ponto, o texto questiona se a pessoa “candidato à reeleição” iria se sobressair ao presidente da República. Com uma resposta já pronta, a matéria mostra que, ao contrário do pregado pelo chefe do Executivo, sua agenda nos primeiros meses não passou de tomadas de decisões pequenas e mantém sua postura de “homem comum”, o colocando como **desqualificado** no quarto parágrafo.

Desde o início do governo, Bolsonaro só propôs a reforma da Previdência, que avança graças, principalmente, aos esforços do Congresso. O presidente tem preferido uma agenda mais mezinha. Ele já se dedicou a discutir *golden shower*, higiene peniana, multas de trânsito e tomada de três pinos. Parece alheamento, mas é a estratégia. Bolsonaro faz questão de se apresentar como um homem comum - “gente como a gente”. [...] Os possíveis adversários de Bolsonaro acham que essa pauta miúda dificulta a reeleição. Por isso, têm feito o contraponto sobretudo na área econômica. (Veja, 2019, ed. nº 2641)

Outro assunto que se repete nas matérias é o ataque sofrido por Jair Bolsonaro em 2018, durante a campanha presidencial em Juiz de Fora (MG). Opinativa, a reportagem “6 de setembro de 2018: um dia para entrar na história” segue uma linha diferente ao analisar a facada. Iniciada com uma série de citações classificadas como “absurdas” e “estúpidas” sobre o possível armamento do esfaqueamento, a matéria apresenta um embate de dizeres mais e mais mentirosos e é construída para chegar até a investigação final da Polícia Federal sobre o caso, que aponta não apenas que o presidente foi realmente esfaqueado como também que Adélio Bispo agiu sozinho.

Porém, ao contrário do apontado pelo relatório oficial, na mesma reportagem, Jair Bolsonaro não acredita que seu agressor era um lobo solitário e justifica as possíveis motivações do ataque de maneira **conspiracionista**. Utilizando como base uma entrevista dada meses antes, quando Bolsonaro cita diversos motivos para acreditar que alguém mandou

Adélio para atacá-lo, a reportagem ainda retoma no sétimo parágrafo citações do próprio preso ao negar se encontrar com o presidente.

Entre algumas outras contrariedades (leia a coluna Radar), a investigação do atentado também tem provocado atritos e insatisfações de Jair Bolsonaro com o comando da Polícia Federal. A razão é que o presidente também não aceita que Adélio agiu sozinho. Em uma entrevista a VEJA concedida no mês de maio, ele demonstrava certeza absoluta de que havia outras pessoas envolvidas no caso: “Esse cara aí viajava o Brasil todo, tinha um cartão de crédito, frequentou academia de tiro lá em Santa Catarina, foi filiado ao PSOL até 2014. Surpreendentemente, no dia 6 de setembro, dia do atentado, o nome dele apareceu no cadastro de visitantes do Congresso. Isso ia ser usado como álibi, caso ele não tivesse sido preso em flagrante. É tudo muito suspeito”. (Veja, 2019, ed. nº 2651)

### Capas das reportagens publicadas em 2019:



### Resumo das reportagens publicadas em 2019 e os registros das categorias

<b>Reportagens</b>	<b>Imprevisível ou desqualificado</b>	<b>Controverso ou conspiracionista</b>	<b>Autoritário</b>
Façam suas apostas	4 registros (1º, 2º, 4º e 5º parágrafos)		
Tuitadas e trombadas	8 registros (1º, 2º, 3º, 4º, 6º, 7º, 8º e 10º parágrafos)		
A crise tem pai e filho	4 registros (1º, 2º, 5º e 10º parágrafos)		
O governo ficou menor	4 registros (2º, 3º, 4º e 11º parágrafos)	1 registro (2º parágrafo)	
Atenção ao tsunami	1 registro (3º parágrafo)	1 registro (3º parágrafo)	
“Não vou resolver na raça”	1 registro (1º parágrafo)	1 registro (2º parágrafo)	
2022, o ano que já começou	5 registros (2º, 3º, 4º, 8º e 13º parágrafos)	1 registro (1º parágrafo)	
Pesquisa exclusiva: o que o brasileiro pensa sobre o governo Bolsonaro	5 registros (1º, 3º, 4º, 5º e 9º parágrafos)	1 registro (1º parágrafo)	
6 de setembro de 2018: um dia para entrar na história		1 registro (7º parágrafo)	
Bolsonaro acusa Witzel de querer destruí-lo no caso Queiroz	2 registros (2º e 8º parágrafos)	8 registros (1º, 3º, 4º, 6º, 8º, 9º, 11º e 15º parágrafos)	1 registro (8º parágrafo)

## 5.2. Análise das reportagens publicadas em 2020

**Total de reportagens: 3**

**Resumo da categorização:**

- Imprevisível ou desqualificado: 3 registros
- Controverso ou conspiracionista: 2 registros
- Autoritário: 3 registros

Com a chegada da pandemia de covid-19 (março) no Brasil, Jair Bolsonaro perdeu parte do destaque nas capas da *Veja*. Ainda assim, as diversas crises governamentais vez ou outra o fizeram voltar ao foco.

As principais delas foram a maneira como o então presidente lidou com o coronavírus e a demissão do então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. Com um Jair Bolsonaro que encarou riscos e contrariou a ciência e estatísticas ao decidir flexibilizar a quarentena antes mesmo do pico de casos e retomar a economia o mais rápido possível, a reportagem “Sem Mandetta, Bolsonaro planeja mudança arriscada no combate à Covid-19” considera que o presidente lidou com o vírus mais por meio da intuição e de crenças próprias do que por meio de dados e informações comprovadamente verdadeiras. Isso traz a categoria **conspiracionista** para a reportagem, como mostrado do quarto parágrafo.

Mas o fato é que ainda não atingimos o pico da doença, e o número de mortos vem aumentando nas últimas semanas. Ao trocar de estratégia em meio à pandemia, Bolsonaro faz uma aposta arriscadíssima: a de que o vírus não sairá de controle. Se isso acontecer, o preço a pagar será alto. Caso o número de contaminados e de óbitos se multiplique, seu capital político será profundamente afeta (isso para dizer o mínimo). Guiado pela intuição, porém, e de olho nas eleições em 2022, o presidente decidiu partir para o tudo ou nada. (Veja, 2020, ed. nº 2683)

Voltando à relação de Mandetta e Bolsonaro, a reportagem ainda mostra, no primeiro parágrafo, mostra um presidente que, pressionado por militares, opta por, inicialmente, não demitir o ministro e, na verdade, fazer com que ele peça demissão, por meio de pressões e gelos. Porém, ao se sentir ameaçado pelo médico e a pouca independência que Mandetta tentou conseguir ao apelar para o bom senso da população, o presidente conseguiu algum consenso dentro do governo e o dispensou. Mostrando a face **autoritária** do mandatário, é

apresentada uma lista de exigências que Bolsonaro teria feito para o novo ministro, reforçando sua necessidade de poder.

Não foi exatamente uma surpresa. Fazia tempo que Jair Bolsonaro ameaçava demitir Luiz Henrique Mandetta do cargo de ministro da Saúde e dar uma guinada na estratégia de reação à pandemia do coronavírus. O presidente foi convencido por militares a adiar a decisão por enquanto, mas as divergências foram maiores. Na tarde da quinta 16, depois de conseguir algum consenso dentro do governo e o nome do oncologista Nelson Teich para substituí-lo, Bolsonaro finalmente mandou Mandetta embora. (Veja, 2020, ed. nº 2683)

Novamente, Bolsonaro é colocado como alguém **imprevisível**, **autoritário** e **controverso** logo pelo primeiro parágrafo da reportagem “O risco do flerte de Bolsonaro com a ganância para reaquecer a economia”, onde o então presidente alterna entre tentar desviar a atenção de acontecimentos com falas e ações agressivas e absurdas com o desinteresse ao fingir que os fatos e índices são indiferentes para o governo. Com a visão focada na reeleição, por exemplo, o presidente foi acusado de estar abandonando a estratégia econômica liberal do ministro da Economia Paulo Guedes, um de seus principais trunfos. Nesse caso, o presidente decidiu exercitar seu lado “apaziguador”, geralmente “truculento e explosivo”, demonstrando sua imprevisibilidade.

Em um traço **característico de sua *persona pública***, o presidente Jair Bolsonaro costuma adotar discursos e atitudes tranquilizadoras quando flerta com um risco iminente. Na última quarta-feira, 12, exercitou com afincamento o lado diplomático e apaziguador de sua personalidade habitualmente truculenta e explosiva para dissipar os rumores de que está desembarcando da estratégia econômica desenhada pelo ministro Paulo Guedes em favor de uma nova manobra política, baseada na abertura dos cofres públicos, como forma de pavimentar sua reeleição em 2022 (um objetivo evidente desde sua posse). Em sua missão de ressaltar o compromisso com Guedes, Bolsonaro publicou logo pela manhã nas redes sociais uma mensagem defendendo o teto de gastos, a responsabilidade fiscal e até as privatizações, junto com uma foto em que aparece ao lado do ministro da Economia e de Tarcísio Gomes de Freitas, da Infraestrutura, um dos representantes do time a favor da ganância. (grifo nosso, Veja, 2020, ed 2700)

Outro ponto constantemente abordado pelas reportagens, como a “Depois dos gritos de guerra, o acordo de paz entre os poderes”, são os constantes embates entre Bolsonaro e o Supremo Tribunal Federal (STF). Neste caso, adotando sua versão **conspiracionista**, o presidente garante que os ministros da Corte tentam usurpar suas competências e desestabilizar seu governo. De maneira **autoritária**, como mostrado logo no primeiro parágrafo do texto, Bolsonaro ainda constantemente radicaliza o discurso e ameaça utilizar as Forças Armadas para intervir no Judiciário, discurso também adotado por seus eleitores.

Não bastasse a crise econômica e sanitária decorrente da pandemia de Covid-19, o Brasil enfrentou recentemente um sério risco de ruptura institucional. Contrariado com decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) que usurparam competências do presidente da República e teriam o objetivo de desestabilizar o seu governo, Jair Bolsonaro radicalizou o discurso, redobrou a aposta no confronto e -com base numa interpretação capenga da Constituição- cogitou usar as Forças Armadas para intervir no Poder Judiciário. As ameaças foram feitas à luz do dia. Em abril, Bolsonaro participou de uma manifestação em frente ao Quartel-General do Exército e pedia, entre outras coisas, o fechamento do Supremo e do Congresso. Em maio, o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, general Augusto Heleno, divulgou uma nota a fim de alertar sobre “consequências imprevisíveis para a estabilidade nacional” caso a justiça determinasse o confisco do celular do presidente, o que não ocorreu. **Sob a alegação de ser vítima de uma conspirata destinada a derrubá-lo, Bolsonaro, apoiado pelos ministros militares, revidava com a insinuação de um golpe.** (Grifo nosso. Veja, 2020, ed. n° 2708)

### Capas das reportagens publicadas em 2020:



**Resumo das reportagens publicadas em 2020 e os registros das categorias**

<b>Reportagens</b>	<b>Imprevisível ou desqualificado</b>	<b>Controverso ou conspiracionista</b>	<b>Autoritário</b>
Sem Mandetta, Bolsonaro planeja mudanças arriscadas no combate à Covid-19	3 registros (1º, 3º e 4º parágrafos)		2 registros (1º e 6º parágrafos)
O risco do flerte de Bolsonaro com a gastança para reaquecer a economia	3 registros (1º, 3º e 5º parágrafos)	2 registros (1º e 7º parágrafos)	1 registro (1º parágrafo)
Depois dos gritos de guerra, o acordo de paz entre os poderes	4 registros (2º, 6º, 8º e 9º parágrafos)	4 registros (1º, 2º, 8º e 9º parágrafos)	2 registros (1º e 4º parágrafos)

### 5.3 Análise das reportagens publicadas em 2021

**Total de reportagens: 4**

**Resumo da categorização:**

- Imprevisível ou desqualificado: 4 registros
- Controverso ou conspiracionista: 4 registros
- Autoritário: 3 registros

Cada vez mais próximo à campanha pela reeleição e após um ano de pandemia, a “máscara” de Jair Bolsonaro de ser diferente de seus antecessores no terceiro ano já havia caído.

Em novo embate, apresentado pela reportagem “Petrobras: Bolsonaro confrontou Guedes e minou imagem liberal do governo”, com o então ministro da Economia, Paulo Guedes, por exemplo, por uma decisão considerada autoritária do mandatário em trocar o presidente da Petrobras após o aumento no preço do diesel quando caminhoneiros, uma de suas principais bases de eleitores, ameaçavam realizar uma greve pela alta nos combustíveis, mostrou que ele não estava tão comprometido assim com a agenda liberal prometida.

Com isso, Bolsonaro, novamente, escolheu adotar uma de várias personalidades para lidar com a crise e fingiu que nada de grave estava acontecendo, como mostrado logo nas primeiras linhas do texto que o caracterizam como **imprevisível, controverso e autoritário**:

Se alguém, na semana passada, perguntasse ao presidente da República como estavam as relações entre ele e seu ministro da Economia, a resposta seria um misto de platitudes com elogios rasgados. Caso a mesma pergunta fosse feita a Paulo Guedes, o resultado provavelmente seria bem diferente. (Veja, 2021, ed. nº 2727)

Dessa forma, cada vez mais imerso em problemas econômicos, as reportagens, como a “Confrontos e provocações de Bolsonaro atingem economia e aumentam rejeição”, começam a duvidar das chances do então presidente em se reeleger no ano seguinte.

Nesse ponto, ao contrário do ocorrido anteriormente, **imprevisivelmente** (segundo parágrafo) o presidente decidiu lidar com os seguintes números ruins com agressividade e inverdades, o que apenas tornaria o cenário ainda pior, já que o mercado lida mal com incertezas e imprevisibilidade.

Nas últimas semanas, Bolsonaro vem promovendo uma escalada cada vez mais agressiva — e incompreensível — de provocações institucionais. Contestou, sem apresentar provas, a segurança das urnas eletrônicas que o elegeram. Depois, no começo de agosto, no dia em que o Congresso discutia uma possível volta do voto impresso, fez tanques de guerra desfilarem na Esplanada dos Ministérios. Ato contínuo, desferiu ataques, xingamentos e ameaças ao presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ministro do STF, Luís Roberto Barroso, que defendia a lisura das urnas eletrônicas. Ainda pediu o impeachment de outro nome do STF, Alexandre de Moraes, que concentra processos sobre fake news e atos antidemocráticos, os quais afetam os aliados do presidente e que levaram à prisão de Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB. E, como ápice desse processo de esticar a corda ao máximo, **Bolsonaro se dedica a insuflar os ânimos** dos radicais de sua base de apoio para uma série de manifestações no dia 7 de setembro a seu favor, e contra o que considera excessos do STF. (grifos nosso. Veja, 2021, ed. nº 2754)

Ainda na reportagem “Confrontos e provocações de Bolsonaro atingem economia e aumentam rejeição”, pela primeira vez o então presidente é denominado literalmente como “**autoritário**” (a mesma designação da categoria para esta pesquisa) no décimo sexto parágrafo ao se mostrar como alguém que não consegue dialogar com outras pessoas fora de seu grupo seleto de militares e familiares.

Tantos ruídos prejudicam mais Bolsonaro do que ele parece perceber. **É um comportamento típico de um líder autoritário, incapaz de ouvir e dialogar com quem esteja fora de sua órbita de seguidores.** Também insiste em manter posições que a cada dia se tornam mais indefensáveis, a exemplo do voto impresso. (grifo nosso. Veja, 2021, ed. nº 2754)

Nesse ponto, os textos, como o “Distante da vida real, Bolsonaro eleva perigosamente o tom contra inimigos”, chegam a conclusão de que Bolsonaro é “inimigo de si mesmo”, já que o presidente se dedica a incitar adversários que supostamente querem tirá-lo do poder ou inviabilizar sua gestão, abraçando seu lado **conspiracionista** no primeiro parágrafo.

Bolsonaro enxerga sabotadores em todos os cantos e, atormentado por fantasmas, não lida com a vida real, na qual só 30% da população foi totalmente imunizada contra o coronavírus, 14 milhões estão desempregados, a inflação dos alimentos avança de forma assustadora e há risco até de apagão. (Veja, 2021, ed. nº 2755)

Com isso, no parágrafo seguinte, o mandatário volta a ser tratado como **desqualificado** e alguém que não entende ou finge não entender suas responsabilidades como chefe de Estado .

Ninguém faz oposição ao país e ao governo como Jair Bolsonaro. Desde o início do mandato, ele se dedica a escolher adversários de ocasião e a combater toda sorte de supostas conspirações que teriam o mesmo objetivo: tirá-lo do poder. Para o presidente da República, o Legislativo, que é controlado por seus aliados do Centrão, trabalha para inviabilizar a sua gestão. Já o plano do Judiciário seria declará-lo inelegível em uma frente de ataque e, em outra, decretar a prisão de seus filhos. Bolsonaro, o escolhido, Messias de sobrenome, seria a vítima de uma perseguição do sistema, do tal establishment que o sustenta há trinta anos, mas que ele tanto jura combates. Os problemas dos brasileiros são muito mais graves e urgentes do que as guerras imaginárias travadas pelo ex-capitão. Bolsonaro não entende isso, ou finge não entender, tanto que deu o passo mais arriscado até agora em sua tática de confrontar às instituições. (Veja, 2021, ed. n° 2755)

Tratando um dos assunto mais delicados, a reportagem “ ‘A chance de um golpe é zero’, diz Bolsonaro em entrevista exclusiva a VEJA” faz uma entrevista exclusiva com o então presidente, que, como sempre, mostra sua face criativa ao maquiagem um país inexistente, livre da corrupção, que superou a pandemia, protegeu o meio ambiente e tem estrutura para receber investimentos internacionais.

Mesmo com todas suas teorias da **conspiração**, constantes ameaças contra os outros poderes e a própria democracia de maneira **autoritária**, Bolsonaro afasta, no segundo parágrafo da reportagem, a chance de haver um golpe.

Na entrevista, a imagem que o presidente constrói do país, de si mesmo e de seu governo não é muito diferente. A novidade surge quando ele é indagado sobre um espectro que, há algum tempo, ronda o imaginário de alguns setores, especialmente depois das manifestações de 7 de setembro: a possibilidade de o presidente se valer de um golpe para manter o poder, “A chance é zero”, garantiu Bolsonaro, admitindo, no entanto, que houve pressão de “algumas pessoas” para que o governo “jogasse fora das quatro linhas”. **Quem são essas pessoas, ele não revela, mas afirma que o ambiente agora está pacificado.** (grifo nosso, Veja, 2021, ed. n° 2757)

A reportagem ainda relembra a face **desqualificada e imprevisível** do presidente ao citar as decisões tomadas por ele durante a pandemia de covid-19, ações que ele continuou defendendo mesmo após mais de 700 mil mortes em decorrência do vírus.

Ele continua cético em relação às vacinas, embora seus assessores ainda tentem convencê-lo a mudar de ideia. Em Nova York, em tom de brincadeira, o presidente chegou a propor uma aposta ao primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, para saber quem tinha o IgG maior. (Veja, 2021, ed. n° 2757)

Capas das reportagens publicadas em 2021:



### Resumo das reportagens publicadas em 2021 e os registros das categorias

<b>Reportagens</b>	<b>Imprevisível ou desqualificado</b>	<b>Controverso ou conspiracionista</b>	<b>Autoritário</b>
Petrobras: Bolsonaro confrontou Guedes e minou imagem liberal do governo	4 registros (1º, 2º, 4º e 6º parágrafos)	3 registros (1º, 4º e 11º parágrafos)	
Confrontos e provocações de Bolsonaro atingem economia e aumentam rejeição	9 registros (1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 12º e 15º parágrafos)	2 registros (2º e 4º parágrafo)	4 registros (2º, 12º, 13º 14º parágrafos)
Distante da vida real, Bolsonaro eleva perigosamente o tom contra inimigos	3 registros (1º, 2º e 10º parágrafos)	6 registros (1º, 2º, 4º, 7º, 9º e 10º parágrafos)	2 registros (3º, 4º parágrafos)
“A chance de um golpe é zero”, diz Bolsonaro em entrevista a VEJA	2 registros (1º e 3º parágrafos)	1 registro (2º parágrafo)	1 registro (2º parágrafo)

## 5.4 Análise das reportagens publicadas em 2022

Total de reportagens de 2022 (até agosto): 1

### Resumo da categorização

- Imprevisível ou desqualificado: 1 registro
- Controverso ou conspiracionista: 1 registro
- Autoritário: 1 registro

No último ano do mandato as ações de Bolsonaro se mostram atreladas à corrida eleitoral e isso é identificado pela reportagem “Em reunião ministerial, militares atacam o TSE e defendem auditoria”. Em segundo lugar nas pesquisas de opinião desde o início da corrida eleitoral, Bolsonaro decide apelar para além do populismo adotado **imprevisivelmente**, como mostrado no primeiro parágrafo, e, de última hora, volta a dar a entender, de maneira **autoritária**, ainda no início do texto, que não aceitará eventual perda. Com o discurso considerado fantasioso e **conspiracionista** (segundo parágrafo) de sempre, o chefe do Executivo aposta na tensão com o Judiciário, em específico a Justiça Eleitoral, na reportagem.

A tensão entre o presidente e integrantes da Justiça Eleitoral é antiga e se desenrolava com as trocas de acusações de praxe até a manhã da terça-feira, 5, quando o presidente realizou uma reunião ministerial com o objetivo de insuflar a sua tropa. O encontro durou cerca de três horas, das quais pelo menos duas foram dedicadas a difundir entre os presentes as suspeitas -nunca comprovadas- de que as urnas eletrônicas não são confiáveis e serão fraudadas para derrotar Bolsonaro. (Veja, 2022, ed. 2797)

Envolto em todos os discursos problemáticos do presidente e seus eleitores, no fim, a revista e seus jornalistas atravessam a linha opinativa, como mostra o seguinte trecho da mesma reportagem:

Diante de tal cenário, é muito preocupante a postura de confronto de Bolsonaro com o TSE e com o sistema eleitoral brasileiro -que, inclusive, o elegeu sete vezes deputado federal e uma a presidente. Ao longo de sua carreira política, ele fez diversas manifestações de apoio à ditadura militar, o que permite o raciocínio de que estaria pavimentando o caminho para questionar a legitimidade da eleição em caso de derrota ou, pior ainda, tentando inviabilizar a realização do pleito. Além de governar o Brasil, Bolsonaro deveria neste momento destacar outros aspectos de sua campanha, mostrando as diferenças de seu governo para as gestões petistas, por que a direita seria melhor que a esquerda, ou o que vai fazer com a economia, o assunto mais importante para gerar riqueza e tirar milhões de brasileiros da fome. Realizar uma reunião no Palácio do Planalto com a presença de ministros em uma espécie de motim contro o processo de votação brasileiro é absolutamente inaceitável, e pode se desdobrar numa grave ameaça à democracia, algo que seria desastroso para o

país. **A senha para a confusão, de fato, está dada.** (grifo nosso, Veja, 2022, ed nº 2797)

### Capas das reportagens publicadas em 2022:



### Resumo das reportagens publicadas em 2022 e os registros das categorias

Reportagem	Imprevisível ou desqualificado	Controverso ou conspiracionista	Autoritário
Perigo à vista	2 registros (1º e 12º parágrafo)	5 registros (2º, 5º, 6º, 7º e 9º parágrafos)	3 registros (1º, 4º e 12º parágrafos)

### 5.5 Nova leitura dos dados colhidos

A partir da análise das 18 reportagens nos quatro anos de governo, foi possível verificar algumas mudanças no tratamento da revista *Veja* com o então presidente Jair Bolsonaro.

Nas três primeiras reportagens, o presidente era tratado com certa neutralidade. Fica visível que os materiais ainda tentam minimizar os comportamentos hostis de Bolsonaro e dando um “voto de confiança”, como com a reportagem “Façam suas apostas”, para que o novo mandatário possa mostrar ser alguém além do que apresentou durante a campanha presidencial.

Porém, em seguida, as reportagens passam a criticá-lo cada vez mais, abraçando a liberdade opinativa que o veículo dispõe e o cobrando mais pesadamente sobre suas competências e ações.

Constantemente as reportagens deixam claro que consideram Bolsonaro incompetente e desqualificado para o cargo de chefe do Executivo, além de delirante, conspiracionista, imprevisível, controverso e autoritário.

Ainda assim, o problema das reportagens é o excesso de opiniões, que ocupam espaço prioritário nos textos, o que dificulta um mais completo cenário de denúncias a um presidente que cometeu crimes, conforme foi amplamente divulgado por outros veículos.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve a finalidade de analisar como o presidente da República Jair Bolsonaro (2019-2022) foi descrito e caracterizado pelas reportagens de capa da revista *Veja* durante o período de governo e se os textos o cobram de seu papel como gestor público. Mesmo que alguns objetivos específicos tenham sido sanados, ainda restam dúvidas a respeito dos conhecimentos, que podem ser considerados preliminares.

No decorrer das 18 reportagens analisadas, foi possível verificar como o veículo se utiliza da opinião e personalidade (dos repórteres) em seus textos. Como trazido em consideração da análise, a opinião em demasia neblina informações que poderiam ser úteis, como os crimes de responsabilidade traduzidos em mais de uma centena de pedidos de impeachment que chegaram à Câmara dos Deputados. Com cobranças e descrições mais ácidas sobre o presidente, as reportagens optam por um caminho crítico que pode ser considerado distante do jornalismo diário e informativo de impessoalidade e imparcialidade.

Ainda que revistas tenham certa liberdade em relação ao uso da opinião e personalidade, como descreveu Lage (2015) ao caracterizar a reportagem opinativa, que é majoritariamente utilizada em revistas, manter essa diferença e distância entre os gêneros informativo e opinativo mostrou-se algo difícil dentro da *Veja* - ainda mais se considerarmos que a demasiada proximidade com o leitor, como ainda explica o autor, pode prejudicar o texto jornalístico ao tornar os conteúdos opinativos e pessoais demais.

Outro ponto importante a ser destacado é o foco da revista na figura presidencial. Ainda que a chegada da pandemia de covid-19 tenha diminuído o número de aparições de Jair Bolsonaro nas capas do veículo, esse hiperfoco, por vezes, pode gerar acusações de parcialidade por alguns leitores e principalmente apoiadores do presidente. Dessa forma, é importante ressaltar que, como já explicado por Cook (2011), a evidência de um ator político não necessariamente configura uma tendência e favoritismo ou contraposição de um veículo.

O papel do jornalismo, principalmente político, como explica Erbolato (1981), é noticiar tudo que possa vir a ser de interesse público e, ao ser eleito chefe do Executivo, automaticamente as ações, citações e decisões de Bolsonaro tornam-se obrigatoriamente pauta para os veículos de comunicação.

Considerando o papel do jornalismo político, de informar e receber informações, como explica Marques de Melo (2008), a *Veja* tenta cumprir o seu papel de comunicar a

sociedade do que se passa no mundo político. Mas, como comentado anteriormente, o excesso de opinião pode atrapalhar a compreensão dos leitores.

Nesse caso, e considerando o histórico dos apoiadores do presidente, avalio que, ao exceder o nível de opinião nas reportagens, a revista pode dar munição para os “bolsonaristas” usarem o material como prova de que Bolsonaro foi perseguido pela mídia, de modo a tentar desmoralizar os veículos tradicionais, como diversas vezes fizeram - o que se encaixaria no anteriormente trazido por Perosa (2017).

Vale destacar e relembrar das já citadas críticas que a revista recebeu por pesquisas acadêmicas — principalmente da área da comunicação — por sua cobertura demasiada opinativa e agressiva durante os governos petistas — Luiz Inácio Lula da Silva (2002 – 2010) e Dilma Rousseff (2011 – 2016). A título de comparação, as reportagens analisadas neste trabalho constantemente citam negativamente os ex-presidentes e contrapõem ou equiparam os mandatos petistas com o de Jair Bolsonaro.

Essas citações feitas sobre os governos passados podem fazer parte de um dos principais princípios para se escrever um texto jornalístico: conhecer seu leitor. Segundo Scalzo (2003), é ao ter ciência de para quem se está escrevendo que o jornalista consegue desenvolver um conteúdo analítico e aprofundado.

Em complemento, Martins (2005) ainda considera não ser suficiente para um texto jornalístico trazer apenas o fato, como também torna-se necessária a qualificação e relacionamento entre os acontecimentos — características entregues pela *Veja* em seus textos.

Ainda assim, acredito que a breve análise feita não pode ser considerada suficiente para sanar todos os questionamentos feitos, considerando os diversos filtros colocados tanto na escolha das reportagens quanto nas categorias para se encaixar no período proposto.

Dessa forma, para uma melhor e mais completa compreensão do tema, seria necessário o aumento do número de capas e reportagens analisadas, além da adição de novas classificações de caracterização do presidente. Outro ponto a ser considerado para uma futura pesquisa é a adição de outra revista capaz de contrapor ou completar os discursos utilizados na *Veja*.

Outro possível trabalho que poderia vir a ser um desdobramento deste é como os governos petistas são descritos e lembrados pela revista ainda no governo atual, de modo a concluir se as citações são apenas contextualizações ou ainda implicâncias com opositores.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCADIPANI, Rafael. *O declínio dos jornais*, , 2007
- ARENDDT, Hannah. *O que é política?*, Rio de Janeiro , 2002
- BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*, São Paulo, 1969
- CALDAS, Weber; REBOUÇAS, Edgard. *Os jornais podem (e já começaram a) desaparecer*, Espírito Santo, 2016
- COOK, Timothy. *O jornalismo político*, Brasília , 2011
- ERBOLATO, Mário. *Jornalismo especializado*, Porto Alegre , 1981
- FREITAS, A. J. *Parcialidade política - Jornalismo e política no Brasil : Olhares contemporâneos*. Manaus, AM, 2000.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*, Santa Catarina, 2001
- \_\_\_\_\_. *A reportagem - Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*, Santa Catarina, 2001
- \_\_\_\_\_. *Teoria e Técnica do Texto Jornalístico*, Santa Catarina, 2015
- MAAR, Wolfgang. *O que é política?*, São Paulo, 1985
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo político: Democracia, Cidadania, Anomia*, São Paulo, 2008
- \_\_\_\_\_. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro, 1985.
- MARTINS, Franklin. *Jornalismo político*, São Paulo, 2005
- MEYER, Philip. *Os jornais podem desaparecer?: como salvar o jornalismo na era da informação*, São Paulo, 2007
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Meios de comunicação de massa e eleições no Brasil*, São Paulo, 2011
- MOISÉS, J. A. *Desesperança política - A desconfiança nas instituições democráticas*. São Paulo, 2005
- PEROSA, Teresa. *O império da pós-verdade*. Em:  
<https://epoca.oglobo.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html>  
 Acesso 25/11/2022

- RIGHETTI, Sabine; CARVALHO, Ruy. *Crise do jornalismo impresso e perspectivas para o futuro: um estudo dos dois maiores jornais diários impressos do Brasil*, Campinas, 2008
- SAMPAIO, Plínio. *Contra a nossa América: estratégias da direita no século XXI*, , 2020
- SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?*, Barueri, SP, 2019
- SEABRA, Roberto. *Jornalismo político: história e o processo*. In SEABRA, Roberto;
- SOUSA, Vivaldo de (Org.) **Jornalismo político**. Rio de Janeiro: Record, 2006
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*, São Paulo, 2011
- VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo Magazine*, São Paulo, 1996